

MÚSICA DO SILÊNCIO

MARIA DO CARMO BARRETO CAMPELLO DE MELO

MÚSICA DO SILÊNCIO

Edição de Estudos Universitários
Universidade Federal de Pernambuco

Recife — 1968

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Música do silêncio	13
PRIMEIRO MOMENTO: OS SÍMBOLOS	
A reconciliação	17
O Natal	18
A mãe	20
A marca	24
O dia	25
A menina	26
O menino	27
A janela	28
O mar	29
O vegetal	30
A porta	31
A âncora	32
A semente	33
A fome	34
A tristeza	35
Os dormentes	36
O limite	37
SEGUNDO MOMENTO: OS SOBREVIVENTES	
Os sobreviventes	41
Os muros	44
A palavra	46
A noite	47
A face	50
A ponte	52
Os passos	53
O esquiador	56
Poema em solidão	58

APRESENTAÇÃO

Se os bons poemas são aquêles que se estruturam ao nível da linguagem e não dos temas, êste livro de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo — *Música do silêncio* — não poderia escapar ao primeiro sentido dessa definição, sòmente agora possível graças aos avanços da lingüística, sobretudo da lingüística funcional. A poesia tem sido apontada durante muitos séculos como o reflexo de uma função misteriosa do espírito. Assim, a linguagem do poema nada tem de semelhante à linguagem científica, ou à linguagem cotidiana; é sempre imprevisível, chocante, predisposta aos desvios em relação às “normas”, que não são eternas — como demonstravam os formalistas russos — pois a própria *norma* do poeta é romper as codificações da língua organizada como sistema, e daí a sábia afirmação de Coleridge de que o bom poeta é aquêles que expande o reino das palavras e faz de sua língua um grande idioma.

Embora não se procure mais, em nosso tempo, apresentar a angústia como um dos motores que colocam em movimento o espírito do poeta, o certo é que a poesia de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo se manifesta sob o signo da angústia. Para ela, tudo está quieto, em silêncio, nada se move, nos mais diferentes pontos do mundo em movimento. Apenas a sua “angústia perambula e se agita na grande paz da noite”:

Senhor é preciso que venhas como o
grande esperado, como o sol sempre antigo e sempre nôvo
cada manhã,
como a origem e o fim, como
a lágrima desejada e chorada,
como a grande angústia a grande paz que
me irmanará aos outros sêres e me reconciliará
com tôdas as coisas.

Os seus poemas são quase todos compostos em verso livre,

verso que me parece bem menos livre e até mais difícil do que o verso solto ou branco. A principal dificuldade do verso livre está na necessidade que tem o poeta de ajustá-lo aos movimentos poli-rítmicos, sem forçar as pausas, sem que a expressão endureça ao ouvido do leitor. Especialmente o leitor acostumado a estabelecer hierarquias de gosto e de valores, por ser um tipo de leitor mais experiente do que os demais: refiro-me ao crítico. Difícilmente um leitor comum pode — apoiado apenas no gosto — estabelecer diferenças entre um poema de Gonçalves Dias e outro de Cassimiro de Abreu. Ou num exemplo mais elucidativo: entre um poema de João Cabral de Melo Neto e um poema de J. G. de Araújo Jorge. Daí minha recusa em aceitar teses tão ingênuas como a dos que acreditam que um bom poeta é aquele cujos versos podem facilmente cair no gosto popular; e até serem repetidos pelo povo. Acredito que Maria do Carmo Barreto Campello de Melo recusaria tal fama, como a recusaram explicitamente os fundadores da lírica moderna: Baudelaire, que afirmava “haver certa glória em não ser compreendido”; do grande G. Benn, ao sustentar que os poemas que o povo sabe de cor não passam de confissões sentimentalóides; ou o testemunho do maior poeta italiano de nosso tempo — Eugênio Montale — quando diz que se escrevesse versos com a intenção de ser compreendido jamais faria poemas.

Não quero dizer que a poesia de Maria do Carmo seja difícil; apenas julgo que ela conseguiu dar a cada poema um elevado número de conotações. Quando tais poemas são lidos por leitores comuns, significam aquilo que realmente está escrito no papel; alcançam, assim, o primeiro grupo na totalidade dos leitores, entre os quais as conotações se estratificam. Mas justamente, por ser a linguagem poética sempre conotativa e não denotativa como na ciência, é que cada poema poderá alcançar diferentes significados, tudo dependendo da educação estética ou do conhecimento dos leitores não apenas sensíveis. Pois para compreender a poesia moderna nem sempre a sensibilidade é suficiente. O indivíduo pode ter sensibilidade mas se estiver privado de conhecimento nem sempre poderá entender o que *sentiu*. O grande erro de José Veríssimo ao condenar Cruz e Souza não foi tanto por um colapso da sensibilidade. Foi antes pela falta de conhecimentos. Ele não compreendia o sim-

bolismo, pois nada sabia das intenções teóricas de Baudelaire, enriquecidas por Rimbaud, Lautréamont, Mallarmé, Verlaine. Ignorava completamente as teses sobre a “poesia do futuro” elaboradas, ainda no século XVIII, por Novalis. Foi vítima da ausência de uma tradição crítica em nossa língua.

Mas como fugir o leitor ao encontro de poemas como *O esquador*, onde se fala da “crisálida humana” que “delira” (?):

Antes do vôo
SOU
e não esquador.
O pulo
(o sonho, o sono a morte)
e este pé cansado
pisando a terra e a vida,
este pé
(asa ou raiz?)
que se exercita
entre o chão e o ar.

Por quê transcrever todo o poema? Por que tentar uma explicação que o leitor inteligente sempre está disposto a dispensar? Por que dizer que um tal poema preenche o sentido daquela frase de Heidegger, quando afirmou que a poesia é a fundação do ser pela palavra? Sim. Toda a poesia é fundação. Nada poderia demonstrar melhor do que a série *Poemas em solidão*, agrupados neste volume.

Sempre defendi a tese de que não devemos procurar explicar a poesia dos poetas vivos. A função da crítica em relação a tais autores é apenas a de registrar a sua presença. Chamar a atenção para suas obras, por tudo aquilo que eles vão criando; só mais tarde é que seus poemas poderão ser explicados, porque sendo produtos da criação humana — cedo ou tarde — serão incorporados à consciência cultural, a única que preserva o artista do olvido e o defende das flutuações do gosto no espaço e no tempo. É dentro dessa perspectiva que situo este livro de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo.

Recife, outubro de 1968

César Leal

A vida é meu canto

Meu canto sou eu

Marcus Accioly

MÚSICA DO SILÊNCIO

I

Era um silêncio.
Um silêncio como nenhum outro.

(Talvez fôsse um dos pedaços
do grande silêncio inicial.)

E era um silêncio presente e dinâmico
e não era pesado, nem opaco,
mas pleno e transparente.

Era dadivoso
e se abria como uma grande e branca flor
e tão vibrante
que quase se julgava ouvir
vozes nesse silêncio

E êle gerava coisas,
e sua presença era tão harmoniosa e criadora
que dêsse silêncio brotava
uma música.

II

As mãos repousavam imóveis
(*mas colheriam rosas*)

As mãos restavam plácidas
(*mas desejariam voar*)

As mãos permaneciam na sombra
(*mas amavam a luz*)

As mãos eram mudas
(*mas desejavam falar*)

As mãos guardavam silêncio,
um silêncio sem música

(*Ah, elas não poderiam cantar, as tristes mãos*)

Primeiro momento:

OS SÍMBOLOS

A RECONCILIAÇÃO

Tôdas as coisas estão quietas
e plácidas,

tôdas as coisas estão em paz e não se atormentam
e tranqüilas restam como quem guarda um grande segredo
que as torna felizes.

E sabes, Senhor, que só a minha angústia perambula e se
agita na grande paz da noite,
e é como um grito (ou um soluço) que desconcerta a noite
e tôda a sua quietude.

Senhor, é preciso que venhas como o
grande esperado, como o sol sempre antigo e sempre nôvo
cada manhã,
como a origem e o fim, como

a lágrima desejada e chorada,
como a grande angústia e a grande paz que
me irmanará aos outros seres e me re-
conciliará com tôdas as coisas.

O NATAL

I

Nesta noite única entre tôdas as noites,
novamente, Maria, darás à luz teu Filho.
E tôda riqueza,
tôda glória,
todo poder
serão nada
ante a singeleza da tua dulcíssima maternidade.
E tu que trazes a aurora em teus cabelos
iluminarás tôdas as faces
que se voltarem para o teu humilde presépio
ondes cobres o teu Pequeninino com um manto de luar

Nesta noite,
tôdas as noites simples e puras serão amadas e queridas
porque do teu imaculado ventre brotou um Lírio
que encheu o mundo com o seu perfume.

II

Natal Sem Ela
(para uma mãe morta)

E havia a mesa
que recordava os gestos
(onde as mãos?)
e a verdade,
de repente amadurecida,
pesando como um fruto.

E havia
a grande dor
pairando no ar
estraçalhada.

Os corpos,
cansados do segrêdo
(de todos e de cada um)
debruçam-se e devoram
sua dor
(que por ela se gastam
e dela se nutrem)

os corpos
comem, mansamente,
sua refeição de dor.

Só a Árvore
irrompia da mesa
e era estranhamente
Verde e Viva.

I

Vem de longo tempo o teu nome,
antes de tôdas as auroras
fôste pensada,
caminhando à luz dos teus passos,
os homens sofrem melhor
sua solidão.

Em cada ser semeaste
um pouco da ternura de que és feita,
e ante ti
somos apenas filhos,
e irmãos uns dos outros,
ó ser múltiplo,
imenso como tôda a terra,
ventre fecundo onde cabem os homens,
pobres e ricos, de tôdas as côres,
entranha geradora de onde o bem provém,
e já não há nenhum órfão.

Teu nome,
manso como um crepúsculo,
é segurança,
e tua cabeleira, negra como a noite,
através de milênios é manto
para o nosso desconôlo.

II

Teu nome,
 não direi,
mas só que estás, um pouco,
naquelas cujos ventres geram.

Não direi teu nome,
mas só
que és relva
e verde
campo de pouso para os nossos sonhos.

Teu nome não é fim
mas é caminho
e através do teu nome multiplicado
(semente
e prisma) caminhamos.

Teu nome
não é estéril, mas fecundo:
das palmas de tuas mãos abertas
surgiram pães
para tôda a fome do mundo,
brotaram flôres do canteiro das tuas mãos,
de ti
que te renovas tôdas as horas,
que és terra e lírio
que és noite e dia.

Teu nome não direi,
ó irmã do arco-íris,
mas só que êle nasce
como uma flor de luz
na minha bôca.

Teu nome não direi
e o poema não te aprisionará.

O PAI

Semente que me geraste,
tronco de onde provim,
tuas longas raízes,
mergulhadas em milênios,
sugaram a seiva do tempo
e teceram o mistério
de que somos feitos.

Sem ti,
seremos ramos secos,
inconsequentes efeitos
desgarrados da causa,
pois tua seiva nos deu direito à vida
e teu amor é pão que nutre e ampara.

De ti,
feito de ternuras,
e tão manso dentro de indestrutível fortaleza,
bem do teu íntimo
provém, certamente,
a côr dos nossos olhos,
ó ponte,

elo,
traço
que nos marcaste com o teu sinete
e nos deste o nome
que nos revela ao mundo
e pelo qual seremos chamados
diante da Face de Deus.

Suaves são as pegadas
na mansa areia do deserto.
O sinal,
imaculadamente virgem,
guarda a saudade daquele que passou.

Ó tu que marcaste o alvo lençol
com os teus pés
de insatisfeito devorador de caminhos,
teus passos não foram perdidos:
as marcas que deixaste,
na areia estigmatizada,
lembram o homem
que povoou o deserto com os seus sonhos
e que vive
na relíquia deixada
através das feridas na areia

O dia começou a viver
e tomou conta do mundo.
A luz ri.
O dia desperdiça a sua claridade,
esbanja sua poesia dourada.
Até onde dorme a preguiçosa sombra
estica suas fitas translúcidas,
e cega de ouro o pássaro em pleno vôo.

O dia tomou conta de mim, a luz me torna boa.
O dia dói na minha carne.
(Ó Senhor, como poderei suportar
êsse imenso fardo luminoso?)
Que farei do meu dia?
Que sentido darei a êste dourado presente?
Abrirei, ao dia, um coração de cristal
e ficarei com um arco-íris na minha alma.

A MENINA

(quadro de
Terezinha
Costa
Rêgo)

No quadro
a menina permanece
cristalizada no tempo,
para sempre.

Ela nos olha
e
não nos vê.
A menina abriu as janelas
de seu mundo íntimo de poesia
e volta para nós
os seus imensos olhos de pensamento.

O tempo
é cúmplice da menina:
ela não será jamais interrompida
em seu sonho.

Debruçada
a menina é um poema,
plácida e tranqüila,
vertendo ternura dos seus grandes olhos
lavados de beleza.

O MENINO

(quadro de
Terezinha
Costa
Rêgo)

O menino
arrumou todos os seus sonhos
e fugiu, com o tempo, no seu louro barco.
O menino é marujo!
(— êle ama a rosa dos ventos
e chama o mar de seu irmão.)

Aonde êle irá, não importa:
êste é o seu brinquedo.
O menino enfuna ao vento
a sua gola de marinheiro
e navegando ao ritmo do sonho
parte ao encontro de um poente
ou de um loura estrêla.

A JANELA

É preciso uma janela.
E abri-la e debruçar-se nela,
num gesto adolescente.

Quero a lua do sol,
quero o sonho
(ó roseiras, baixai vossos espinhos
para eu vos acariciar).

Abri os olhos:
não deixeis que morram em vão
os crepúsculos.

Eu vos digo
que a tarde era simplesmente uma tarde
até que eclodisse diante dos meus olhos
o poema amarelo das acácias.

O MAR

Poema

(substancial) ao mar

Não te quero forte:
Só os que não te compreendem amam pelejar
contigo.

Os ingênuos fizeram de ti um brinquedo,
mas tu és grave,
grande mar primeiro e único
que desde as origens permaneces,
mar imutável, saturado de algas e sargaços,
sacro mar bíblico
que lavaste a face da terra
coberta do limo primitivo.

Mar, meu irmão e irmão da brisa,
recebo tua tranqüila mensagem lírica,
sinto que tu e eu somos da mesma substância,
quando me envolvo na transparência líquida
das tuas mansas águas
que um dia refletiram a primeira aurora
e o grande arco-íris da paz.

Entre a flor e o lodo a mão estendo
(que a mão também é flor)
e os longos caules dos meus braços
agito
em direção à luz.

Trago o sol prisioneiro nos meus olhos
pois entre auroras e poentes vivo,
(e entre

uma aurora
e
um poente
há só o vazio...)

No meu delírio vegetal,
inquieta,
os pássaros que se aninham em meus cabelos
enquanto entrego ao vento deslumbrado
as pétalas desfeitas dos meus dedos...

Vens,
abres a porta,
e em sua moldura
tua figura se recorta
(parede elástica e porta é solidária)
e mal percebes
que transpões um mundo
quando transpões a porta.
E, no entanto,
aqui dentro,
cada um de nós é um mundo
e nem sempre
te abrimos nossa porta.

A ÂNCORA

Andaremos por paisagens várias
mas voltaremos ao marco primitivo

A rosa dos ventos permanece
como estrêla única.

Fragmentar-nos-emos em mil partículas
para atender ao seu apêlo múltiplo:

- Assistiremos novamente à criação,
na aurora dois pólos.
- Dedilharemos a harpa dos mil fios do mundo.

Mas, secretamente sabemos
que retornaremos à paisagem primitiva,
onde a certeza será uma âncora
para o espírito disperso nas mutações.
Na paisagem primeira
a nós mesmos encontraremos
e restaremos.

A SEMENTE

Teu amor em mim
é vida,
tua semente,
amada e aceita,
germinou.

Sou teu chão,
incorrutível solo,
onde caminhas com passos resolutos.
Sou tua gleba,
(escreveste em mim teu nome)

Teu amor em mim
é fruto,
caminho
e trago em mim o Mistério.

Tua semente,
em mim,
é vida.
Eu a nutrirei com meu sangue
até que desabroche em flor.

A FOME

Tua fome,
a face vária
não matará.
Tua fome,
nascida dentro de ti mesmo,
mergulha suas raízes na origem
e antes que tu fôsses,
tua fome Era.

Fome,
maior do que (tu,
que a conténs)
tua fome de amor e de infinito,
não saciarás.

Fome,
que é vácuo
e solidão
(se não a entendes)
mas pode ser ponte,
janela,
escada,
vão...

Tua fome
a face vária
não matará.

A TRISTEZA

A môça depõe o quotidiano
e veste-se de lilases.
O seu mundo de solidão
a envolve.
Não é esta a hora dos heróis
nem dos gestos,
mas do pensamento, do sonho.
Por isso ela quedaria deslocada
numa paisagem ardente de crepúsculos,
com os arco-íris brincando entre seus dedos...

A môça depõe
o accidental,
o complexo,
o efêmero,
e passeia sua tristeza
vestida de lilases.

OS DORMENTES

(Poema aos dormentes
da
estrada de ferro
Madeira Mamoré)

Atentai, irmãos,
poetas de todos os quadrantes:
a máquina vai chegar.
É preciso um tapête de sangue e de púrpura
para o monstro de narinas fumegantes.

E cada dormente
é um homem.
E cada homem é um dormente,
fileira derrubada de um exército desarmado.

Juntai
as pobres achas horizontais,
atai-as,
atai-as logo num feixe,
para o sacrifício final.
Não percais tempo,
a máquina se aproxima
e ela quer sangue e dor por alimento
que é êste seu amargo repasto.

O LIMITE

Esta tênue linha,
o limite,
pode êle ser
o fino traço
de fogo ou sangue
que divide o medíocre do herói,
o mau do bom,
o limite
pode ser que sejam
os teus olhos rasos d'água.

A definição exige um passo.

Só te vi um lado da face
ó meu irmão,
por ela não te julgarei:
quem sabe
se a trilha que teus pés atravessaram
foi coberta de pedras
ou juncada de urzes?

Os cautelosos
dividiram o tempo e limitaram o espaço
(Transporemos
horizontes e arco-íris
ao encontro do infinito.)

Segundo momento:
OS SOBREVIVENTES

OS SOBREVIVENTES

E restamos nós
e a nossa verdade,
de repente estranha
e real como um fruto maduro em nossas mãos.

E restamos nós, os sobreviventes,
açoitados pelo vento da vida.
(Agora há antes e há depois)

Mas urge
reunir os destroços
(com êles) compor um nôvo barco.
Somos uma pedra no grande jôgo
e cada pedra há que estar em seu lugar.
É preciso dar sentido à caminhada,
nossos pés foram feitos para andar.
(Que seria dos caminhos,
sem a marca das pisadas?)

Nossos passos comporão o caminho.
Se paramos, começamos a morrer:
seremos cúmplices das árvores e dos
seus pés imóveis.

Retalhados

mas não divididos
carregamos nossas crenças intactas,
como um branco pássaro
em nossas mãos

Soluçantes,

mas não vencidos,
atravessaremos o Espelho.

Minha mão se alonga,
(lá o pôrto, lá a âncora...)
e por ela caminho,
mas nosso longo olhar
já é uma partida.

Somos — agora — o orvalho
do que plantamos — de mãos feridas.

— Mas colheremos rosas,
quando fôr Setembro.

II

Não há lugar para o desespero
em nossos corações.
Foi-nos dado um amargo repasto
mas comêmo-lo de pé,
como outrora foi devorado o cordeiro
e o pão ázimo,
como quem vai partir com
a sacola ao ombro e os olhos
na direção do caminho.
As coisas são agora tranqüilas para nós,
não nos ferem mais seus gritos,
as coisas são o cenário e a paisagem
por onde passeamos nossas tristezas
intactas como colunas.
Perdemos muitas coisas

mas ganhamos outras.

(Há uma grande alegria em reencontrar
o caminho cotidiano
o caminho que nos leva às coisas conhecidas
e amadas)

Nossos olhos têm muitas dimensões
e varam os seres.

Conhecemos, agora, o sentido grave e imaculado
da vida,

o que resta
quando o vento passa.

Não há lugar para o desespero
em nossos corações:

no nosso pranto navegarão veleiros,
nossos braços ligados são a ponte
por onde a vida caminha.

Somos os tristes,
lastro do mundo.

OS MUROS

I

(E chegou o dia em que os homens
viram que tinham a mesma face mas
não se conheciam).

E os muros
dividiam as casas
e dividiam as gentes
e cada um guardava sua integridade
dentro dos muros
e renascia
na consciência do próprio poder.

Os muros,
na verdade, eram
os baluartes, as sentinelas
onde todos,
nos pequenos retângulos
podiam chorar sua solidão.

Os muros
eram cansados e sábios

e a custo se erguiam
sobre seus tijolos
porque duvidavam
da própria necessidade
de existirem.

II

E havia o Muro

E o muro
era o obstáculo,
o limite,
e nada se podia povoar
além do muro

As mãos,
tocadas de sonho e de azul
ferem-se no muro,
as insensatas mãos
desfazem o muro.
Mas é preciso recompô-lo,
a cada hora.
O muro é justo e verdadeiro,
suas espáduas cansadas
suportam nossos sonhos.
É preciso que ele seja
para que as solidões não se debrucem
sobre as outras solidões,
e o teu sonho e
o meu
não se confundam;
para que a paz,
fragmentada,
livre de incertezas,
caia sobre os jardins (particulares)
nos pequenos retângulos,
onde florescem as rosas
todos os setembros.

(Paixão e Morte)

As palavras estão crucificadas.
(Escorre-lhes sangue e água do lado direito)
As palavras caem mortas como frutas podres.

(Quem recolherá a
palavra — semente
que um dia germinará ante o sol?)
As palavras enlouqueceram:
negam-se a si mesmas precipitam-se no abismo
vagam, esquecidas, como graves senhoras sem memória.

A Voz-Ponte
(serpentina laço)
a Voz Alada Aérea
A Voz-Fio-Mensagem
emudeceu.

Só os gestos
tateiam em silêncio
e murmuram a linguagem rude
do inexprimível.

I

Senhor,
dá-me esta noite,
eu a quero — esta mansa noite.

Como poderei chorar
(até o fim)
tôda minha mágoa
se não tiver, só para mim, uma noite?
Em seu mágico deslumbramento, eu navegaria,
carregando meus pobres destroços tecidos de
ausências e solidões

Senhor,
se a noite fôr minha,
eu a tomarei como a um etéreo peixe
e repartirei sua carne translúcida
com os oprimidos,
os desencantados,
e os que têm sede e fome de ternura.

Senhor,
eu quero uma noite para mim:

eu a receberei como uma dádiva de amor
e no seu negro painel escreverei meu nome.

II

Quero sentir tôda a ternura desta noite,
a ela me entregarei.

Não serei EU
serei NOITE

Esta noite foi tocada de eternidade,
caminharei em suas planícies sem roteiro.

— Ó noite, minha irmã,
não me dê
nem uma das tuas estrêlas;
não desejo sequer
tua sinfonia de perfumes;
trago-te, exausta,
um poema de lágrimas
e
a dádiva dêste amor.
Recebe-me neutra e plácida,
na tua paz imergirei,
quero adormecer no teu silêncio.

III

À noite,
somos tristes caminhantes
sôbre nossos corpos estendidos
sôbre nós mesmos caminhamos.
(Ah, a noite é amarga e eu bebi a noite).

Meus olhos
como pés
caminham: seus passos de luz
povoam a Noite Só.

— Nossos olhos não nasceram para
o prazer ou para a morte,
mas para olhar.

(Há veleiros dormindo no fundo dos meus olhos)

Há um azul
(bem sei)
êle me acena.
Mas agora estou triste e só.

Tranqüilamente caminharei na noite
que me reclama e me recebe.

A FACE

Trago-te
uma face magoada
trago-te
a sombra de minha face.

A bôca guarda em silêncio os gritos interiores
e os ocasos se sucedem
nos meus olhos.
Sinto meus dedos que rompem as grades
das janelas
e se ferem de azul.
Mas as mãos,
(que desejariam voar)
estão quietas.

(Não me despedaceis
ó coisas,
com os vossos apelos múltiplos,
não me dividais.
Eu vos digo
que meus olhos adivinham azuis
mas agora eu só tenho
minha face triste)

Os relógios
(aprisionadores do tempo)
ficaram sem memória.
Só tu gritas o meu nome:
sei que Sou
e estou Só,
com meus olhos de crepúsculo.
O espelho me devolve
a tarde que não foi minha
e o arco-íris faz-se bruma
nos meus braços.

A PONTE

Quedo-me e
te contemplo.

Vens vindo, então, em teu olhar
e te apossas da minha alma
e já não sou minha
(nem sou tua)

Eu estou vazia de mim mesma
e só possuo os meus olhos
onde tua imagem fez morada.

(Esta manhã nasceu um ramo de tristeza
nos meus olhos e te oferto
com um pouco daquilo de que se nutre
o azul)

Quedo-me
te contemplando
e por esta ponte de luz, caminhas.
Mas quando chegas, já não estou:
do outro lado (olhar-espelho)
eu irrompi dentro de ti
como uma flor selvagem.

OS PASSOS

I

Dá-me um longo caminho,
apenas isso,
(com meus passos irei compô-lo)
O chão é duro e verdadeiro,
seu contacto é áspero,
mas revigorante;
há uma grande certeza neste encontro
dos pés com o chão,
um diálogo manso,
como uma conversa de amigo.

O chão não trai.
Os pés renascem
a cada nôvo encontro;
os pés exultam e agradecem
a verdade do chão.

Meu roteiro,
eu o comporei a cada nôvo passo,
lentamente,
como se constrói

uma casa,
e se acrescenta cada coisa,
à sua hora.

Quem tem um roteiro,
bem vê,
não fica a contemplá-lo
ao pôr do sol
sem nêle projetar a sua longa sombra.
Dá-me um caminho:
quero sentir que existo
nas marcas que meus pés deixarem.

II

Andei
(muitas vezes)
o caminho que não fiz.
Repetidamente cheguei
ao lugar aonde não fui.
Sou a intemporal
(a dúvida)
uma espada de fogo me dividiu:
há dia e noite em minha face dupla.

Daniela ou Cristina me chamarás,
mas sou a SEM NOME.

Em mim envolta,
permaneço:
sou a muralha de mim mesma.
Só tua angústia me presente,
a mim
que já não SOU,
e lúcida e só
me observo.

III

Por baixo das calçadas
dorme a terra
seu sono (vegetal)
seu longo grito
par-tido petrificado
(saudades do capim verde chuva sol luar sereno)

Por baixo das calçadas
(férreo manto onde era brisa outrora)
por baixo das calçadas correm prantos
amanhecidos à luz lenta das horas.

Ai, cimento, que
afogais nos parques,
e ternura das árvores tranqüilas:
rebentam troncos, as resinas choram,
raízes sangram ao vosso afago rude.

Jamais descansam os pés itinerantes.
O cimento é duro, abre-se em feridas,
mas a terra mansa recompõe os passos.

— Ó pés do louro menino,
onde ireis pisar agora?

Por baixo das calçadas, outra rua
jaz, amortalhada,
de sepultados passos,
com seus gritos com sua dor contida com seu pranto

declaração:

Por baixo do asfalto
estão meus sonhos,
irrompendo em cicatrizes, nas calçadas.

O ESQUIADOR

I

Homem

e quase pássaro
o esquiador se detém um instante
antes do salto.

Ele teme e ama a neve
(o imaculado lençol)

Vem um apêlo
de pureza e liberdade
no bafo gelado do vento
e a crisálida humana delira.

Há agora um só tênue limite
entre a terra e o ar,
entre o real e o sonho
e é então
que o milagre acontece
e o esquiador abre os braços e voa...

II

Antes do vôo
SOU
e não esquiador.

O pulo

(o sonho, o sono, a morte)
e este pé cansado
pisando a terra e a vida,
este pé
(asa ou raiz?)
que se exercita
entre o chão e o ar.

— Ai que cansados-caminhos-cansados são
os nossos. A terra bebe, em silêncio, as lá-
grimas e o suor do nosso rosto que se veste
de espanto ante as estrêlas.

— Ai que somos tecidos de dois mundos.
Contingentes instáveis e sofridos somos a
âncora de nós mesmos e do
pé, que hesita,
— raiz —
entre as certezas e o imponderável.

A voz — liberta — se precipita
e o eco — somos nós do outro
lado —
apelando nossa carne pesada e
opaca

aquém dos espelhos

Una e dual
permaneço e sigo, no sonho que retenho.
Nossas palmas abertas são os pratos
onde pesamos
âncoras e estrêlas lapidadas.

Na manhã clara,
colho um ramo de estrêlas.
Antes do sonho
SOU
e não esquiador.

POEMA EM SOLIDÃO

(N.º 1)

Digo-te
um cântico de verdade essencial.

Estouilhada,
minha solidão criou barreiras
em torno de mim,
sou terra sem praias,
sou campo sem pouso
(não tentes o vôo)

Estou desligada,
nenhum roteiro termina em mim,
não há pôrto,
onde descanses a âncora.

Olho o sol
com a face iluminada
na sombra.
Sinto vergéis nascendo nos meus olhos.
(meus olhos têm a côr dos caminhos que olhei)

Misturei

lágrimas e verdade
e é amargo o pão.
Sou bússola e aponto norte e sul
vejo a noite e o dia
e apenas permaneço.

(N.º 2)

Vem de mim
(essencialmente)
o que te digo:

Estou só e longínqua
e vós,
vós sois, apenas, os que assistis
o passeio da minha solidão.
Estou
e esta árvore de fôlhas desenhadas,
esta Árvore Verde
Verde-Vida,
que me descobre e me reclama.

Quando cessarem todos os apelos,
eu serei tranqüila e neutra e
tomarei o cinza como minha côr.
(Mas, que farei dos meus olhos, feridos de sol?)

Meus olhos
são quietas janelas
abertas para a vida,
e atrás de meus olhos
Sou
ante a noite sem resposta.

Longínqua e só
além de mim, Estou.

O Sofrimento nos es-tra-ça-lha
mas — ai! — Não nos destrói:

somos vivos e sorrimos,
nós que estamos mortos.

Tento ligar-me:

Meus olhos são olhos cegos,
minhas mãos, pássaros em fuga.
— Ó coisas, como podeis ser tranqüilas,
se eu me despedaço?
— Roseiras, não me socorreis?

Minhas mãos
sustêm as bridas de cavalos
que galopam dentro de mim mesma.
O tempo inútil e espantado
se desperdiça.

Aonde irei,

se não há mais caminhos?

(N.º 3)

Em solidão
(essencial)
em solidão, estou.

Estou
e esta Árvore Verde Vida
que alça os braços
mas não me recebe.

Não há diálogo, agora.
Não poderei dizer mais:
— Vem, amigo, caminhemos juntos,
apenas isso, caminhemos juntos.

Solidões não se somam
(bem sabes)
apenas ficam lado a lado.

Ninguém pronuncia meu nome
e em tristeza, minhas horas teço.

A solidão nasce, em mim,
como uma grande e branca flor.
— Meus olhos são dois poentes,
— minhas mãos gestos de adeus.

A memória se insurge: houve uma aurora.
Meus olhos se tingem do apêlo do azul.

Dúbia me instalo:

Palavra e eco divi-dida
face no espelho (re) produzida

A rosa dos ventos permanece
como estrêla única,
mas eu sempre restarei.

Em silêncio, devoro minha dor.

— Que farei, se

as palavras morreram
e apenas

EU SOU?

(N.º 4)

De tempo e dor
se tecem nossas fibras.
Éramos

e, derrepente,
já não somos aquêles
que o tempo encontrou ontem.

A cada nova hora,
somos outros.
De dor e de espanto nos fizemos.

Todos os dias me construo
como um muro,
a cada nôvo instante me edifico.

Nossos olhos
 (como muralhas)
nos guardam
e, atrás de nossos olhos
Somos,
prisioneiros em solidão.

 (Quem ouvirá meus gritos,
 quem saberá meus sonhos?)
De dor e de silêncio nos tecemos.

Caminho,
 e múltipla e vária,
renovo a face antiga.
Mas não me dissolverei na lembrança:
a memória me recomporá
no tempo.

Una e íntegra,
ressurgirei.

Todos os dias eu me construo
como um muro
 (me incorporo e me acrescento)
penosamente me completo
e Sou.

(N.º 5)

SOU
e a tua angústia me pressente
e a meus olhos tristes abertos para a vida.
Tua busca
rompe a solidão em que envolvo
e me revela ao teu olhar inquieto e lúcido.

Desperta e atenta
te percebo e me descubro
a mim, que me construo e me adivinho.

Como uma torre SOU.
Meus olhos são
janelas (defendidas)
e atrás dos meus olhos te contemplo
— e te contemplo como contemplo a VIDA.

— Ai, tenho um louco arco-íris nos meus olhos:
bebi o azul o sonho a dor a vida e a morte.

Dual,
me assisto:
 renasço e me desfaço,
 no sonho em que me teço.

E o tempo inútil
se desperdiça ante
o meu Espanto e a tua Urgência.

(N.º 6)

E assim,
 — tão derrepente —
o silêncio habitou em nós.

Em solidão
Estou
(vestida de silêncio)

Meu silêncio,
eu o construirei como uma torre:
palpável e presente
o edificarei.

De mim mesma
se tece meu silêncio:
sou seu chão, em mim florescerá.

Meu silêncio é amargo como um pão
amassado entre lágrimas,
agudo como um grito.

Entre ti e mim
construirei silêncio
e o silêncio é a ponte
por onde o amor caminha

...Te recomporei no meu
silêncio:

Teu nome nasce dêle — fecundo —
que te gerou

TE D-I-R-E-I SILÊNCIO
(o silêncio é minha voz)

oferecimento:

Trago-te
um punhado de silêncio
branco como um pão.
Te darei silêncio
(como uma dádiva)